

# propeller

Olhamos para *Été*, de Man Ray, e perguntamo-nos: porque não víamos isto antes? Terá esta obra sido alvo de uma prática de censura que a história da arte admite também como sua? Ou, de um modo mais lato, porque é que a representação fotográfica de uma cena de sexo explícito tende a ficar aquém daquilo que, regra geral, admitimos como obra de arte? Para responder a esta questão poderíamos, por exemplo, evocar o impacto da dimensão moral na cultura e o modo como esta contamina a qualidade do prazer naturalmente associado à experiência sexual. Mas, o que nos interessa, aqui, pensar, é se no campo da estética prevalece uma razão que origine a cisão entre o sexo e a arte. Será possível que aquilo que é esperado da experiência estética entre radicalmente em confronto com o tipo de prazer que habitualmente associamos com o sexo? Ou haverá, de facto, na representação da dimensão sexual humana, algo que é impossível de esteticizar? E no que toca a essa dimensão, poderemos falar de diferentes patamares de comprazimento? E que qualidades atribuímos à penetração para que nela se veja tão amiúde o exemplo máximo daquilo que fazemos equivaler à pornografia?

Foi em torno de *Été*, de Man Ray, que se começou a desenhar o número zero da Propeller e foi também este conjunto de questões que partilhámos com o grupo heterogéneo de autores que desafiamos para, connosco, pensar sobre os limites estéticos da representação fotográfica, quando confrontada com o que vulgarmente entendemos como *pornográfico*. Quando é que a representação de cenas sexuais se torna “demasiado explícita”? E obscena? E bela? Quando nos repulsa? Quando nos excita? Quando nos demove? Quando nos atrai?

Por outro lado, e na esperança de propor um campo de representação do *pornográfico*, estendemos o convite a autores interessados em pensar e escrever sobre este campo que separa a pornografia, enquanto representação de conteúdo sexualmente explícito, e o que se pode entender por *pornográfico*. Andamos, portanto, em busca de traços de uma dimensão estética para o campo expandido da pornografia, que situamos entre a representação da coisa sexualmente explícita e a exploração da sexualidade do outro.

No caso da fotografia, quando pensamos na singularidade do olhar que premiamos com o epíteto da verdade (e da autenticidade), é impossível esquecer a exemplaridade da técnica, não só na medida em que toda a linguagem fotográfica é semelhança, mas sobretudo porque a fotografia está frequentemente confinada a estratégias de representação. E é aí que a problemática da verdade se revela particularmente densa, na medida em que a fotografia traz consigo uma promessa de reprodução do real. Por causa da sua relação indexical, à fotografia tende a imputar-se o dever de comunicar e o espectador padrão espera, perante a fotografia, ser capaz de a interpretar, ou não estivesse ele habituado no seu quotidiano a interpretar os sinais que lhe são dados. Talvez também aquilo que entendemos por pornografia tenda a sofrer do mesmo mal, i.e., do prolema de cumprir uma finalidade, neste caso um prazer de ordem sexual. Será essa uma das razões que leva a que a representação explícita do coito seja tão frequentemente excluída de uma experiência de ordem estética, indizível, que não siga orientações fisiológicas? Será este o paradoxo de *Été*, de Man Ray?

Convencionou-se que o conteúdo de natureza erótica é mais apto à experiência estética. Compreende-se. Ao erotismo atribui-se uma dimensão de opacidade que mais rapidamente associamos com o espaço aberto da arte, que permite a participação do espectador. Sabendo que esta abertura é um espaço que a natureza indexical da fotografia tende a comprometer, poderemos ser levados a pensar que a representação fotográfica do sexo está condenada a ser sempre ora “demasiado explícita”, ora “demasiado vulgar”.

Contudo, e como julgamos que a obra de Man Ray torna presente, há uma verdade que transcende o conteúdo das obras e que, através de dinâmicas próprias, dá lugar a um prazer que não obedece ao mundano. São as linhas, os espaços que se apartam, os pontos que se aproximam, a paisagem inquieta destes corpos que se unem. Aqui encontramos o autor. Não o autor à procura de um fim, a servir-se dos corpos que aprisiona na obra, mas um autor à procura de uma verdade estética, que não tem limites morais, porque obedece à sua própria ética.